

Resenhas

vida anarquista

GUSTAVO VIEIRA

Bruno Gandini Oddone & Gustavo Medina Pose (eds.).
Aportes al pensamiento anarquista y a la filosofía contemporánea
Volume I. Montevideo, Parrhesía Ediciones, 2020, pp. 321.

Os anarquistas estão por todos os cantos, são *perebas negras*, como situa Christian Ferrer, presentes onde menos se espera em qualquer lugar do planeta, podendo surgir a qualquer momento. São heterotópicos, revolvem suas existências, associam-se livremente rompendo territórios e fronteiras. Possuem um jeito singular de se comunicar que prescinde de qualquer formalização. Relacionam-se em várias línguas, com “maneiras sutis de compreensão delas, nos fortes abraços de recepção e de despedida com olhos flamejantes de liberdade” (p. 15).

Aportes al pensamiento anarquista y a la filosofía contemporánea é o primeiro título do selo editorial independente e autogerido *Parrhesía*. Composto por 14 textos escritos por diversos pesquisadores anarquistas de diferentes territórios, os editores optaram por manter uma compilação multilíngue. A edição conta com dois prefácios: um escrito pelos organizadores Bruno Gandini Oddone e Gustavo

Gustavo Vieira é mestre em Ciências Sociais e pesquisador no Nu-Sol. Contato: gustavovieira09@gmail.com.

Medina Pose e outro por Edson Passetti. Segundo os organizadores, esta obra vai além de uma produção acadêmica, ela busca, através dos textos reunidos, revolver e inquietar o leitor. Estabelecer conversações que correspondam à “nossa vida”, uma vida anárquica.

Os textos inclusos na obra são resultado do *Primer Coloquio Internacional sobre Anarquismo y Postestructuralismo*, que ocorreu em Montevideu, nos dias 22 e 23 de outubro de 2014. Organizado pelo extinto (por autodissolução) *Movimiento de Esquizodrama y Esquizoanálises Libertario* (MIEEL) e pela *Casa de Filosofia*, contou com o apoio de voluntários anônimos e instituições como a Faculdade de Psicologia da Universidade da República (UDELAR), que disponibilizou o espaço para a realização do evento. O encontro reuniu pesquisadores anarquistas para conversarem sobre as possibilidades de pensar os anarquismos além das análises libertárias do século XIX. Foram apresentados treze trabalhos e houve três falas, duas presenciais: Ricardo Viscardi (“Libertad y discontinuidad. Ibero Gutiérrez y la cuestión del sí mismo”), Edson Passetti (“Foucault y los anarquismos”), e outra por videoconferência desde Londres, com Saul Newman (“From Anarchism to Posanarchism”).

A obra traz importantes reflexões sobre as contribuições da filosofia da diferença de Gilles Deleuze e das análises genealógicas de Michel Foucault, ambos autores presentes nos anarquismos, particularmente Foucault, que, como afirmou Passetti, “se dedicou ética e politicamente à trazer a permanência da anarquia contra todos os decretos de morte; alertando para a *vida outra* que os anarquistas sempre buscarão realizar no presente sua utopia como heterotopia” (p. 40). No livro, constata-se como estes filósofo-

fos contemporâneos leram os anarquistas e suas histórias de lutas e as práticas de liberdade. Como o antropólogo Pierre Clastres, cujos estudos sobre as sociedades indígenas se aproximam dos anarquismos, quando ele afirma que tais sociedades são contra o Estado justamente por produzirem modos de vida que impedem a formação de organizações políticas que poderiam engendrar no *uno*, conforme apontado no texto de Dorothea Voegeli Passetti (“Pierre Clastres e a antropologia libertária”).

O livro não reduz o pensamento anarquista aos seus combatentes mais conhecidos, como Pierre-Joseph Proudhon, Mikhail Bakunin, Piotr Kropotkin, Errico Malatesta, Emma Goldman, Élisée Reclus, Louise Michel, Émile Armand, Maria Lacerda de Moura, America Scarfó... e até mesmo filósofos clássicos com aptidões libertárias, como William Godwin e Max Stirner. Vemos como os anarquistas buscaram e seguem buscando, por meio de suas práticas e experimentações, inventar outros militanismos, que recusam e combatem o ativismo enquanto uma prática contemporânea geradora de lideranças a serem capturadas pelas autoridades superiores. Nos textos de Paulo Edgar Resende & Pablo Ornelas Rosa (“Cartografando a tática *black bloc*”) e Acácio Augusto (“Política e antipolítica na América do Sul: o movimento antiglobalização e os governos do sul”), o leitor se depara com as práticas anarquistas contemporâneas que rompem com essas capturas trazendo as lutas contra os autoritarismos e as relações de poder para todas as esferas da vida. Práticas que enfrentam a atual sociedade de controle e suas modulações de diferentes modos, como a tática *black bloc*, que rompe a multidão multicolorida das manifestações de protestos contemporâneas com o negro,

afirmando sua potência de revolta antipolítica e afirmação resistente da cultura libertária.

O pensador contemporâneo Saul Newman, ao comentar em seu texto sobre a realidade contínua do neoliberalismo e os movimentos políticos atuais, aponta para a possibilidade de revisitar e, ao mesmo tempo, reconsiderar os anarquismos, no que ele define como pós-anarquismo. Partindo de uma abordagem metodológica foucaultiana quanto à questão da relação entre poder, verdade e subjetividade, Newman define que o pós-anarquismo pode ser entendido como algo que parte da não aceitação do poder, uma posição que abre espaço para diversas e variadas formas de liberdade, em vez de seguir um padrão definido de anarquismo. “Não tem uma forma ideológica específica, podendo assumir diferentes formas e seguir diferentes cursos de ação” (p. 171).

Em “Por uma sociologia subversiva”, de Pablo Ornelas Rosa, Paulo Edgar da Rocha Resende, Rafael Alves Rezende & Manuela Vieira Blanc, a partir da genealogia de Foucault e da cartografia de Deleuze e Guattari, coloca-se a questão da subversão enquanto possível proposta sociológica. Uma sociologia que, devido a seus métodos e objetivos, não busca alcançar ampla aceitação e condecorações, e cujo objeto de estudo deve estar comprometido com práticas de contestação da ordem, apresentando resistências à subordinação proveniente das verdades estabelecidas.

Sempre se colocando contra o Estado, em qualquer circunstância, os anarquistas não ignoram o peso do mesmo sobre seus corpos, de modo que as questões referentes ao amor livre, ao trabalho prazeroso, à convivência entre amigos, à ecologia e às crianças, permearam e permeiam

as considerações libertárias. Em “Sexo, sexualidade e subversão”, Eliane Carvalho ressaltava as práticas de liberdade e experimentações anarquistas ligadas ao corpo e ao sexo; com humor e tesão pela vida. Em outros textos compilados no livro, como o de Daniel Vidal (“Intelectuales y autoridad em el Centro Internacional de Estudios Sociales”) e Ricardo Viscardi, reitera-se a importância dos Centros de Cultura, Pesquisa e Estudos Sociais para os anarquistas. Assim como a imprensa libertária, livre da mediação política e dos intelectuais condutores de consciência, a arte como a do pintor e poeta uruguaio Ibero Gutiérrez, e os espaços libertários como a Comunidad del Sur, que criou fortes tensões nos primeiros anos do século XX em Montevideo.

Os anarquistas combatem a nova política preconizada pela esquerda e o neoliberalismo pelas lutas e práticas antipolíticas fomentadoras da cultura libertária. Como sublinha Bakunin, o que diferencia o humano dos outros animais é a sua capacidade de revolta, para além e aquém da ciência e da metafísica, como situam no final do livro Bruno Gandini Oddone e Gustavo Medina Pose (“El pensamiento vivo de Bakunin: ciencia, poder y libertad”): revolução é a “pura realidade, a pura Anarquia” (p. 313).

Sobre as buscas de práxis libertárias para o século XXI, César Duque Sánchez em “Preguntas de múltiple apuesta: hacia la búsqueda de práxis libertarias para el siglo XXI” propõe repensar o vocabulário anarquista, e as conexões entre estruturalismo e pós-estruturalismo. Também vemos no texto Gustavo Simões (“Roberto Freire & O Inimigo do Rei: humor, tesão e anarquia”), como o jornal brasileiro *O inimigo do Rei* desafiou a ditadura civil-militar, e como, junto a outras associações, centros de cultura e publicações

libertárias, possibilitou aos anarquismos chegarem às universidades, com muito *tesão*, humor e anarquia.

Outros questionamentos perpassam o livro, como a relação do abolicionismo penal com os anarquismos, trazida por Salete Oliveira no texto “Intensidades abolicionistas e a cruel exposição da peste”, em que a autora mostra como as atitudes abolicionistas são heterogêneas e promovem misturas, tal qual a peste, de modo que suas diferentes intensidades arruinam com a ordem da política e da moral. Há também a discussão sobre a internet, trazida por Luíza Uehara em “Criptoanarquistas: configurações fortalecidas”. Observa-se como a Internet produz vazamentos, *fake news*, exposições e relações narcisistas, colhendo dados pessoais de seus usuários (Google, Facebook, LinkedIn...) e monitorando a todos. A internet é propriedade de empresas que governam em parceria com o Estado, sempre em função da “boa governança” e pela segurança da propriedade. Desta forma, a contra-net da criptografia traz como efeito “modulações do próprio neoliberalismo” (p. 253), o que fortalece o governo da internet e consequentemente coloca os “anarquismos” em uma situação complicada.

Os anarquistas, antes de tudo, são heterotópicos, vivem o presente e não temem o risco, hábito da prática de *parrhesía*. Da coragem em dizer a verdade quando está em jogo a própria vida, produzindo “subjetividades surpreendentes, associadas a terrorismos, que sempre foram, historicamente, as principais interferências anarquistas sob a ordem da soberania, do Direito, das disciplinas, do governo sobre a espécie e a segurança” (p. 29). Por essa razão, este é um livro-bomba, e nada mais apropriado que esteja em *Parrehsía Ediciones*.